

Frase de Ulysses sobre ex-ministros é 'infeliz', diz Leonidas

ROBERTO LOPES
Enviado especial o Brasil

O ministro do Exército, general Leonidas Pires Gonçalves, disse ontem que a referência que o presidente do PMDB e do Congresso constituinte, deputado Ulysses Guimarães, fez, na tarde de quarta-feira, aos três ministros militares que outorgaram a Constituição de 1969, chamando-os de "três patetas" foi "infeliz e injusta".

O general Leonidas chamou os três oficiais — general Aurélio Lyra Tavares, brigadeiro Marcelo de Souza e Mello e almirante Augusto Rademaker (morto em 85) — de "chefes militares respeitáveis e respeitados" e se disse "convicto de que o dr. Ulysses não repetiria hoje a lamentável frase que proferiu em momento de emoção mal administrada".

"Nenhum ministro militar divulgou, ontem, qualquer nota oficial sobre o assunto. Leonidas fez estas declarações no final da tarde para o chefe da seção de imprensa do Centro de Comunicação Social do Exército (Cecomsex), coronel Iran Câmara, ante a insistência dos repórteres credenciados no Quartel-General do Exército em Brasília. Em outra parte do texto que ditou para o coronel Iran, o ministro do Exército disse que os três ex-ministros "adotaram em seu tempo a decisão que julgaram ser do interesse do Brasil", e acrescentou que "nenhum homem público está livre de injustiças de julgamento, por isso a impenitência da avaliação de fatos passados esquecendo suas circunstâncias é desaconselhável".

Detalhe

As declarações do ministro, que podem ser consideradas brandas, se echaixam no tom de uma conversa que ele teve com o presidente José Sarney sobre o assunto. A amigos íntimos o presidente da República confidenciou sua surpresa com a frase de Ulysses, que considerou "absolutamente gratuita"; ao ministro do Exército ele pediu moderação, mas liberou o general Leonidas para tomar a atitude que julgasse mais conveniente.

Logo pela manhã o presidente do Congresso constituinte recebeu alguns amigos em sua residência oficial, na chamada Península dos Ministros, entre eles o ministro da Ciência e Tecnologia (e ex-líder do PMDB na Câmara), Luiz Henrique Ulysses Guimarães apresentava preocupação com as consequências do que dissera um dia antes, em São Paulo. Nessa oportunidade e ao longo do dia, ele disse que o fato de ter chamado os ex-ministros militares de 69 de "três patetas" não passava de "um detalhe" da entrevista de quarenta minutos que dera, e que, com isso, quisera caracterizar aqueles que tentam atingir os trabalhos do Congresso constituinte — uma clara referência ao ministro das Comunicações Antônio Carlos Magalhães que, semana passada, durante uma reunião na sede da Federação das Indústrias do Estado de São Paulo (Fiesp), sugeriu que a Constituição fosse "zerada".

Marinha

Por volta do meio-dia, Ulysses recebeu de um constituinte do Nordeste muito ligado ao ministro da Previdência (e ex-oficial da Marinha), Renato Archer, a informação de que "a Marinha tinha ficado muito irritada" com a entrevista de ontem. No princípio da tarde o presidente do PMDB disse à Folha que não faria qualquer retratação — "tudo o que eu tinha para dizer, disse ontem" —, mas no final da tarde, encerrada a sessão do Congresso constituinte, concordou em dar uma rápida entrevista sobre o assunto, na qual fez questão de estabelecer que é "amigo pessoal dos ministros militares".

O ministro do Exército só soube da entrevista de Ulysses ontem pela manhã. Na quarta-feira, enquanto o



O deputado Ulysses Guimarães acena para os parlamentares que o aplaudem no plenário do Congresso.

presidente do Congresso constituinte falava aos jornalistas no Palácio dos Bandeirantes (sede do Executivo paulista), o general Leonidas despachava em seu gabinete, no 4º andar do prédio principal do Quartel-General do Exército, em Brasília. Leonidas tinha chegado às 14h do Rio (onde passou o carnaval), e trabalhou, ontem, até as 20h. Do gabinete foi direto para casa, e recebeu alguns amigos até as 23h30, quando se despediu e foi dormir, sem saber das "referências" que Ulysses tinha feito a Lyra Tavares, Souza e Mello e Rademaker.

Leonidas

Não foi um bom dia para o ministro do Exército, o de ontem. Ao chegar em Brasília ele pareceu desanimado, e chegou a confidenciar uma séria preocupação com o futuro do país. A um amigo ele disse que a eleição de um novo presidente da República este ano, pode provocar uma comoção social de graves prejuízos à estabilidade política. Leonidas disse claramente que tomando posse no ano que vem, o sucessor de Sarney irá, forçosamente, gerar uma expectativa impossível de ser satisfeita — o que faria com que esse presidente fosse derubado.

O ministro não citou os militares como agentes desse golpe, preferindo atribuí-lo a uma "insatisfação popular" que, em sua opinião, atingiria seu limite seis meses depois da posse do novo presidente.

Ditado

Ontem, contudo, todas as preocupações se concentraram nas declarações do deputado Ulysses Guimarães. O ministro da Saúde, Borges da Silveira, estava preocupadíssimo. Pela manhã ele ligou para o ministro-chefe do Gabinete Civil, Ronaldo Costa Couto, com quem tentou se inteirar da repercussão da fala do presidente do PMDB no meio militar. Costa Couto tranquilizou seu colega da Saúde, e disse que Sarney não parecia muito preocupado com o assunto. Por volta das 17h, ao deixar o Congresso, o deputado Guilherme Afif Domingos (PL-SP), pareceu divertir-se com toda aquela situação: "Há um ditado antigo que diz que Deus tira a inteligência de quem não quer ler", e entrou, rindo, em um reluzente Opala azul.

Constituintes aplaudem Ulysses de pé

Da Sucursal de Brasília

O deputado Ulysses Guimarães, presidente do PMDB, da Câmara e do Congresso constituinte, foi aplaudido por cerca de 130 constituintes, que se levantaram assim que ele entrou no plenário da Câmara, às 16h45 de ontem. Ulysses acenou em retribuição aos peemedebistas, pefelistas e membros de partidos de esquerda. Foi um gesto de apoio dos parlamentares às declarações feitas anteriormente por Ulysses em defesa do Congresso constituinte.

Minutos depois, Ulysses lamentou o número de parlamentares em plenário, impossibilitando qualquer votação. "Com tristeza, eu constato que nossas apelos não proporcionaram o quórum mínimo", disse. As 17h32, a sessão foi suspensa porque apenas 233 parlamentares estavam presentes (são necessários 280 presentes para a votação de matéria

constitucional). Uma nova sessão está marcada para hoje às 9h.

Apoio e críticas

Durante o dia de ontem, os parlamentares se dividiram quanto às declarações de Ulysses. "Foi muito bom ao defender a Constituição de ataques que não têm razão de ser. Ulysses é o homem de quem se espera uma primeira palavra. Não se pode ferir a soberania da Constituição", disse o senador Mário Covas, líder do PMDB no Congresso constituinte.

O deputado Roberto Cardoso Alves (PMDB-SP) disse "lamentar" as colocações de Ulysses. Sobre a comparação feita por Ulysses da Junta Militar de 1969 aos "três patetas", o senador Jarbas Passarinho, coronel reformado do Exército, disse que "não convém comentar". O líder do PDS no Senado, Virgílio Távora (CE), outro coronel reformado, classificou a declaração de

como "um momento de infelicidade".

O senador José Richa (PMDB-PR) disse em Curitiba (PR) que "como presidente da Constituinte, ele tinha que responder com energia" à proposta de zerar o Congresso constituinte, apoiada pelo ministro das Comunicações, Antônio Carlos Magalhães, durante almoço na semana passada na Federação das Indústrias do Estado de São Paulo (Fiesp)."

Governadores

O governador da Bahia, Waldir Pires (PMDB), disse em Salvador (BA) que "Ulysses faz bem em lutar com toda sua energia para que a Constituição seja elaborada. O país precisa disso. É a prioridade básica". afirmou que a proposta de zerar o Congresso constituinte "é dos velhos conspiradores da democracia, que estão tirando a máscara dentro do governo, como é o caso do ministro das Comunicações".

O governador de Pernambuco, Miguel Arraes (PMDB), considerou em Recife (PE), segundo seu secretário de Imprensa, Ricardo Leitão, um retrocesso político a sugestão de "zerar" os trabalhos constituintes. O governador de Alagoas, Fernando Collor de Mello (PMDB), disse que "a Assembléia Nacional Constituinte é um poder legítimo, eleito pelo povo e, portanto, com a representatividade necessária para desempenhar o papel a que se dedica".

Manoel Gonçalves Ferreira Filho, superintendente do Instituto Roberto Simonsen da Fiesp, negou ontem que tenha sugerido, durante almoço na entidade, zerar o Congresso constituinte, proposta que teve então o apoio do ministro das Comunicações. "Eu nunca falei em zerar a Constituinte, mas em abandonar este projeto da Sistematização, que é péssimo, e recomenciar através do texto constitucional de 46".

Foi 'ofensa genérica aos militares', diz ACM

Da Sucursal de Brasília

O ministro das Comunicações, Antônio Carlos Magalhães, disse ontem que, ao classificar de "três patetas" os integrantes da Junta Militar que outorgou a Constituição de 1969, o deputado Ulysses Guimarães (PMDB-SP), presidente do Congresso constituinte, "lançou uma ofensa genérica aos militares". O ministro foi irônico ao referir-se a Ulysses: "O sol de Guarujá não deve ter feito bem a ele." Ulysses passou o carnaval no Guarujá.

Antônio Carlos chegou a dar um conselho ao deputado e seu partido: "Eles deveriam se preocupar em defender o Anibal Teixeira, que era ministro do PMDB e foi deputado pelo PMDB." Anibal deixou o Ministério do Planejamento há menos de um mês, sob acusações de corrupção.

O ministro das Comunicações disse que Ulysses deveria ter chamado os membros da Junta Militar (general Aurélio Lyra Tavares, brigadeiro Marcelo de Souza e Mello e almirante Augusto Rademaker) de "três patetas" há 20 anos atrás, "como mandava sua honra cívica". De acordo com o seu raciocínio, ao lançar "as acusações com 20 anos de atraso, Ulysses está ofendendo genericamente os militares, embora não tivesse o propósito de fazê-lo".

Antônio Carlos disse ainda que as críticas de Ulysses à proposta de zerar a Constituinte não o atingiram. "Ele está criticando o professor Manoel Gonçalves Ferreira Filho (superintendente do Instituto Roberto Simonsen, da Federação das Indústrias do Estado de São Paulo), que é o autor da ideia", esquivou-se o ministro. "O que eu defendo é que juristas auxiliem os constituintes na

elaboração da nova Constituição", acrescentou.

As declarações de Ulysses, feitas em entrevista, ontem, em São Paulo, "definitivamente não foram felizes", na opinião de Antônio Carlos. Ele usa frases do próprio deputado para devolver-lhe as farpas que recebeu: "Em determinado ponto de sua entrevista, Ulysses diz que a Constituição sairá na marra e que ele será o marreteiro. Em algumas regiões do país, a expressão marreteiro não significa boa coisa. Basta olhar o dicionário Aurélio", afirmou o ministro das Comunicações. Uma das definições que o dicionário traz para a palavra "marreteiro" é "trapaceiro, vigarista, ladrão". O dicionário traz outras duas definições: "Operário que com a marreta percuta a broca para abrir câmaras de mina nas pedreiras" e "vendedor ambulante".

Durante a entrevista, Antônio Carlos disse que não queria acusar e "muito menos defender" o ex-ministro Anibal Teixeira. Mas acha que o PMDB deveria, como seu partido, "assumir sua defesa". O ministro recordou que, logo depois de ter assumido o Ministério das Comunicações, recebeu indicação "da unanimidade dos parlamentares da bancada do PMDB, para nomear Anibal para a presidência da Telebrás", empresa vinculada à sua pasta. "Preferi nomear um técnico, como já estava acertado inclusive com o presidente Tancredo Neves."

De resto, Antônio Carlos criticou a "pressa" do presidente do Congresso constituinte: "Com a pressa e pela vontade de fazer a Constituição no prazo que ele pré-determinou, Ulysses vem cometendo equívocos." Segundo o ministro, os parlamentares estão aprovando "alguns artigos sem saber o que estão votando".

Sarney teria ficado 'preocupado' com as declarações do deputado

Da Sucursal de Brasília

A declaração do presidente do Congresso constituinte e do PMDB, deputado Ulysses Guimarães, de que irá concluir a futura Constituição "na marra" até o mês de abril, teria causado preocupação ao presidente José Sarney. Segundo o deputado José Geraldo (PMDB-MG), único parlamentar recebido ontem em audiência no Palácio do Planalto, o presidente disse que a expressão

"na marra" não faz parte do perfil e nem é própria de Ulysses.

Segundo José Geraldo, que afirmou ter conversado por pouco mais de dez minutos com o presidente, Sarney fez uma avaliação do movimento contrário ao mandato de cinco anos. O presidente teria dito que a campanha em favor dos quatro anos atingiu seu "apogeu" na semana passada e que, de agora em diante, restam duas alternativas: estabilizar ou entrar em declínio.

Para Ermírio, há "informações" de retrocesso

Da Sucursal de Curitiba

O empresário Antônio Ermírio de Moraes disse acreditar que o presidente do Congresso constituinte, deputado Ulysses Guimarães, "tem informações" sobre a possibilidade de retrocesso militar no país e "deve ter refletido muito para dizer o que disse". Ermírio fez essas afirmações ontem em Curitiba (PR) ao comentar as declarações de Ulysses chamando os integrantes da Junta Militar de 1969 que outorgou a atual Constituição de "três patetas". Ermírio considerou "ásperas" as

palavras do deputado e afirmou que os meios militares mais agressivos "poderão reagir à expressão" mas não soube identificar o motivo das acusações. "Espero que os militares já tenham tomado Tensil (calmante) e saibam distinguir bem quem são os três patetas", disse.

Reunido por uma hora e 25 minutos com o governador do Paraná, Alvaro Dias (PMDB), no Palácio Iguatçu, Ermírio disse que foi anunciar ao governador um investimento de US\$ 100 milhões do grupo Votorantim no Estado.

Com relação ao mandato do presidente José Sarney, Ermírio defendeu os quatro anos e insistiu em dizer que "não voltarei mais à política. Não sou candidato e se vier a ser vocês podem me cobrar".

Dias

O governador do Paraná disse que considera "legítima a reação do Executivo" às afirmações de Ulysses, pois "toda ação corresponde a uma reação e na política isto não é diferente".

Alvaro Dias apoiou as reclamações do presidente Sarney sobre os

trabalhos do Congresso constituinte e disse que "não posso entender uma Constituinte que não estabeleça mecanismos de proteção ao patrimônio público 'contra' os ladrões de colarinho branco". Alvaro não concorda com a proposta de zerar os trabalhos do Congresso constituinte. Para ele, dissolver o Congresso constituinte "seria anunciar a nação que nesse período brincamos de elaborar uma nova Carta". Sobre o mandato de Sarney, Alvaro já não defende sistematicamente os cinco anos: "O mandato pode ser de cinco como de menos de cinco."



O QUADRO ESTÁ MESMO ERRADO

O príncipe d. Pedro de Orleans e Bragança, 75, confirmou que o quadro que está na sala da Presidência no Palácio do Planalto (foto) mostra d. Pedro 4º, rei de Portugal, e não de D. Pedro 1º, imperador do

Brasil, como disse anteontem em entrevista Ulysses Guimarães. Os dois são a mesma pessoa, mas d. Pedro 4º restaurou a legalidade em Portugal e d. Pedro 1º dissolveu a Constituinte de 1823 no Brasil.